



GRADUAÇÃO BACHARELADO EM HUMANIDADES

ANTÔNIA FLAIANA CABRAL DA SILVA

**EDUCAÇÃO INFANTIL:
FORMAÇÃO DE CIDADÃOS OU REPRODUTORES SOCIAIS?**

REDENÇÃO-CE

2014

ANTÔNIA FLAIANA CABRAL DA SILVA

**EDUCAÇÃO INFANTIL:
FORMAÇÃO DE CIDADÃOS OU REPRODUTORES SOCIAIS?**

Monografia apresentada como requisito final a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira para obtenção do certificado do Bacharelado em Humanidades, sob Orientação da Profa. Dra. Jeannette Filomeno Pouchain Ramos.

REDENÇÃO-CE

2014

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Francisco das Chagas Mesquita de Queiroz – CRB-3 / 1170

-
- S578e Silva, Antônia Flaiana Cabral da.
Educação infantil: formação de cidadãos ou reprodutores sociais? / Antônia Flaiana Cabral da Silva. Redenção, 2014.
36 f.; 30 cm.
Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.
Orientadora: Profa. Dra. Jeannette Filomeno Pouchain Ramos.
Inclui Referências.
1. Educação de crianças. 2. Alfabetização. 3. Aprendizagem. I. Título.

CDD 372

FOLHA DE APROVAÇÃO

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção do certificado do Bacharelado em Humanidades qualquer citação atenderá as Normas de Ética Científica.

Antônia Flaiana Cabral da Silva

Monografia Aprovada em: 25/ 11/ 2014

Orientadora: Profa. Dra. Jeannette Filomeno Pouchain Ramos

Professor Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira

Professor Dr. Leandro de Proença Lopes

Coordenador do Curso Dr. Maurilio Machado Júnior

Dedico a Deus que me possibilitou concluir esta Graduação com tanto sacrifício, a minha filha e ao meu marido sendo eles os grandes motivadores do meu sucesso.

Agradeço primeiramente a Deus pela sabedoria, discernimento e perseverança durante todo processo de Graduação.

Ao meu marido Isaías e minha filha Isabelle, pela compreensão das horas retiradas do convívio familiar para me dedicar à pesquisa e à escrita desta monografia.

A minha querida mãe Mozarina, por sempre ter acreditado em mim e por não se negar a cuidar da minha filha para que eu pudesse me dedicar à faculdade.

A minha querida Orientadora professora Jeannette que durante todo processo de elaboração desta monografia esteve sempre presente me auxiliando, orientando e tirando minhas dúvidas.

Quero agradecer a todos meus colegas da Universidade que de alguma maneira sempre torceram por mim e não poderia deixar de citar minhas queridas amigas, Aline Candido, Jezabel Mitsa, Marigydiane Cavalcante e Syrlyane Queiroz, que ao longo desses dois anos sempre se fizeram presente ao meu lado me ajudando e me fazendo sorrir.

A Mirtene, uma pessoa maravilhosa que em meio as suas tarefas de trabalho não se negou a me ajudar e minha querida amiga Neli que sempre esteve me dando força e mim encorajando a prosseguir. No todo, quero dizer muito obrigado, pois se concluí é porque tive motivos e incentivos para ir em frente em minha caminhada.

“Educar as crianças é dar-lhes condições de sobrevivência para que se formem jovens e adultos sensíveis à vida alheia e suas ações refletiram para um mundo melhor.”

JOSEFA ANUNCIADA

RESUMO

O processo educacional pelo qual a criança passa na infância, se dá inicialmente com a educação informal na família e na comunidade, logo após ela é inserida na instituição de educação Infantil quando passa a ser submetidas a regras e métodos institucionais da educação formal. A preocupação com a educação no âmbito escolar me despertou o interesse de pesquisar se o espaço educacional infantil, através do ensino e das práticas pedagógicas, tem levado à formação de cidadãos ou de reprodutores sociais, cujo objetivo central deste trabalho é analisar como a escola é vista por intelectuais e de que maneira ela se insere no contexto da educação Infantil, observando a visão do educador, e o desenvolvimento dos métodos e as práticas pedagógicas. Este trabalho foi desenvolvido por análise bibliográfica, através de pesquisa descritiva e exploratória que por fim concluiu-se que a educação por está atrelada as mudanças ocorridas na sociedade tem contribuído para reprodução dos padrões sociais, alcançando a criança nas instituições de educação infantil pelas práticas pedagógicas de rotina, tentando adaptar a criança aos modelos sociais, muitas vezes vista pelo próprio educador como vazia frágil e com plena dependência do adulto na transmissão de conhecimento. Fica então a pergunta, existe a possibilidade das instituições de educação infantil desenvolver um ensino que levem nossas crianças a serem verdadeiras cidadãs de modo que suas ações promovam a mudança da realidade social? Como?

Palavras-chaves: Educação, Escola, Criança, Educação Infantil.

ABSTRACT

The educational process by which a child spends in childhood, initially true of informal education in the family and community, after it is inserted into the Children's educational institution when it becomes subject to institutional rules and methods of formal education. The concern with education in schools sparked my interest to investigate whether child educational space, through teaching and pedagogical practices, has led to the formation of citizens and social players, whose main objective is to analyze how the school is seen by intellectuals and how it fits into the context of early childhood education, noting the educator's vision, and the development of methods and pedagogical practices. This work was developed by literature review, using descriptive and exploratory research that finally it was concluded that education is linked to changes in society have contributed to the reproduction of social standards, reaching the child in educational institutions by the teaching practices routine, trying to adapt the child to social models, often seen by the educator himself as empty, fragile and full adult dependency in the transmission of knowledge. Then the question remains, there is a possibility of early childhood institutions develop a teaching that take our children to be real citizens so that their actions help to change the social reality? How?

Keywords: Education, School, Child, Childhood Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
-------------------------	----

CAPITULO I

1. A Educação e suas diferentes formas	13
---	----

1.1 O que é educação.....	13
---------------------------	----

1.2 A educação no contexto escolar	17
--	----

1.2.1 O papel da escola.....	17
------------------------------	----

1.2.2 Os agentes sociais.....	21
-------------------------------	----

CAPITULO II

2. A criança e a educação Infantil	23
---	----

2.1 A criança e a Infância.....	23
---------------------------------	----

2.2 O direito a educação infantil	26
---	----

2.3 As instituições de educação infantil	29
--	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
-----------------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
---	----

INTRODUÇÃO

Ao decorrer da nossa vida nos deparamos com várias situações em que o processo educacional está presente, seja na relação com a família, na vivência em comunidade, na rua, nos grupos aos quais fazemos parte, na escola e etc., apesar de cotidianamente estarmos inseridos nelas muitas vezes não compreendermos o que ela é, para que serve e de que maneira ela interfere em nossa vida, seja quando adulto ou mesmo quando criança, um estágio não mais nem menos importante que qualquer outro, porém fundamental por ser a fase em que se ocorre o desenvolvimento moral, intelectual, de valores e de personalidade.

A escola, ao longo do processo histórico, tem sido considerada reprodutora social por se moldar ao sistema capitalista propagando as desigualdades de classe, tendo como legítima a cultura da classe dominante com profissionais treinados para cumprir essa tarefa.

Quando a educação está diretamente relacionada à sociedade ela tem essa função, mas há quem acredite que ela possa trazer mudança, mas de que forma? Desenvolvendo dentro desses espaços um conhecimento crítico que leve o homem a ser um cidadão ativo na sociedade, devendo ser um processo contínuo e que abranja todos os espaços educacionais começando desde a família até burlar os muros das escolas.

O sistema educacional por serem direcionados pela sociedade abrange toda e qualquer instituição, até mesmo a de educação infantil que ao longo da historicidade tem desenhado diferentes imagens sociais de nossas crianças impedindo uma educação de qualidade, pautada no desenvolvimento pessoal e social e de seu reconhecimento como cidadão.

Quando há nos espaços escolares um trabalho pedagógico mal elaborado e mal aplicado ele pode contribuir para levar a criança a permanecer em silêncio, estagnada e amedrontada aceitando tudo o que lhe é imposto e ensinado como certo e legítimo, portanto a preocupação está em que tipo de educação nossas crianças têm recebido dentro da instituição de educação infantil, seja ela creche com crianças de 0 a 3 anos ou na pré- escola com crianças de 4 a 6 anos de idade, e para onde as conduzirão: a serem indivíduos passivos ou ativos dentro da sala de aula e mais tarde na sociedade.

Essa problemática surgiu durante a elaboração de um diário de campo, dentro de uma instituição de educação infantil, observando crianças de faixa etária de 4 a 5 anos de idade, em que lhes eram dadas fichas com seus nomes escritos em letras maiúsculas sendo estimuladas a reproduzirem a escrita, não lhes dando a oportunidade de tentar algo novo, mediante aquela constatação fui induzida para o tema da pesquisa: Educação Infantil: formação de cidadãos ou reprodutores sociais?

O que se pretende com este trabalho não é fazer afirmações do que é certo ou errado, até porque ao final dele podemos chegar a uma conclusão subjetiva e não objetiva. O objetivo é analisar como se dá o processo educacional dentro da escola, sob o ponto de vista de intelectuais e de que maneira ela se insere dentro do contexto educacional infantil, observando a visão do educador em relação à criança, o desenvolvimento dos métodos e trabalhos pedagógicos e de que maneira eles interferem no desenvolvimento e reconhecimento da criança enquanto cidadã.

Este trabalho foi desenvolvido através de pesquisa descritiva e exploratória pela análise bibliográfica de livros de autores como BRANDÃO (1981), PAULO FREIRE (2011), DERMEVAL SAVIANI (1986), GONÇALVES e GONÇALVES (2011), ANDRADE (2010), e Artigo de KRAMER (1999) NICOLAU (2000) e Recessão crítica de ROSENDO (2009) da obra A Reprodução: Elementos para a teoria do ensino de PIERRE BOURDIEU e PASSERON, autores que trazem a abordagem de temas como a educação, o papel da escola, os seus agentes sociais, a criança, a infância e a educação infantil.

Seria um tanto inviável iniciar falando de educação infantil se não houvesse uma clara compreensão do que é educação e como ela se insere no contexto escolar, sendo assim, esse trabalho foi dividido em capítulos e subcapítulos.

No primeiro capítulo abordaremos a educação e suas diferentes formas trazendo no subcapítulo 1.1 a conceituação da palavra educação a partir do dicionário Priberam, e as suas diferentes significações por autores como BRANDÃO (1981) e PAULO FREIRE (2011).

No subcapítulo 1.2 trataremos novamente a educação agora na perspectiva educacional escolar abordando diferentes interpretações do papel desenvolvido pela escola de autores como SAVIANI (1986), BRANDÃO (1981), GONÇALVES e GONÇALVES (2011), ROSENDO (2009) com a recessão crítica da obra de Pierre Bourdieu e Passeron, a Reprodução: elementos para a teoria do ensino cujos autores

fazem menção ao papel social da escola que quando relacionada à sociedade desenvolve-se sobre ela as teorias críticas reprodutiva.

No subcapítulo posterior nos deparamos com os agentes sociais responsáveis pela efetivação dessas teorias críticas reprodutivas nos processos educacionais escolares. Este primeiro capítulo, teve portanto o objetivo de trazer um histórico breve sobre a educação assim como as teorias desenvolvidas por intelectuais, sobre as praticas desenvolvida por ela que podem levar ou não a reprodução das desigualdades, sendo de extrema importância para o capítulo seguinte, em que abordaremos a criança, o direito e a educação infantil também dividida em subcapítulo abordado agora por ANDRADE (2010).

No subcapítulo 2.1 o leitor se deparará com o processo histórico que desenhou as imagens sociais da criança e da infância e no subcapítulo posterior 2.2 será abordado brevemente o histórico da criação de Leis e de documentos voltados para o direito da criança à educação infantil.

Já no subcapítulo 2.3 faremos a abordagem ainda por ANDRADE (2010) dialogando brevemente com NICOLAU (2000) sobre as instituições de educação infantil, as funções que ao decorrer do seu processo histórico foram desenvolvidas por ela, a construção da visão do educador em relação à criança e de que maneira essa visão tem influenciado no desenvolvimento das práticas e métodos pedagógicos em sala de aula, abordando dados conclusivos da autora, a partir de sua pesquisa de campo em uma escola de educação infantil pública em Franca, São Paulo.

Por fim, o leitor se deparará com a conclusão deste trabalho que trazendo o meu ponto de vista em relação às instituições de educação infantil, induzirei o leitor à reflexão, e por fim na página seguinte estarão às referências bibliográficas utilizadas para o desenvolvimento desta pesquisa.

1. A EDUCAÇÃO E SUAS DIFERENTES FORMAS

1.1. O que é educação

A palavra educação por ser um campo tão abrangente pode ser entendida de diferentes formas visando à completa formação do indivíduo, seja no espaço familiar, individual ou escolar trazendo consigo diferentes significações.

O dicionário Priberam ¹ da língua portuguesa traz sua definição, como conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito, conhecimento e prática do uso da gente fina, polidez e cortesia.

Para Brandão ² (1981) ela é isso e muito mais, segundo o autor, esta deve ser pensada como um serviço coletivo, como ideia filosófica em nome da pessoa, como instituição escolar, ação pedagógica e como prática pelo ato de educar (p.62) dando ao indivíduo tudo que ele necessite para se desenvolver individualmente acontecendo de várias maneiras na casa, na rua, na igreja, na comunidade e na sociedade aparecendo de forma difusa primeiro da família a comunidade e mais adiante na escola dentro da sala de aula com os professores e os métodos pedagógicos. Ele ainda acrescenta que onde existir relação entre as pessoas ela se faz presente, quando se tem a intenção de ensinar e aprender preparando os indivíduos dentro dos modelos sociais pelo processo de modelagem, iniciado quando criança para um modelo social de adolescente e depois adulto.

Brandão (1981) compara esse processo com o oleiro que prepara e modela a argila e o transforma em pote, onde o trabalho do artesão é comparado ao educador,

¹"educação", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/educa%C3%A7ao> [consultado em 17-04-2014].

² Possui graduação em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965), mestrado em antropologia pela Universidade de Brasília (1974) e doutorado em ciências sociais pela Universidade de São Paulo (1980). Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professor visitante sênior da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

sendo a argila viva o educando e a obra feita e pronta o adulto educado, na visão do educador é a educação que vai polir o homem.

“Quando o educador pensa a educação, ele acredita que, entre homens, ela é o que dá a forma e o polimento. Mas ao fazer isso na prática, tanto pode ser a mão do artista que guia e ajuda o barro a que se transforme, quanto à forma que iguala e deforma.” (BRANDÃO, 1981, p.25)

Já para Freire³ (2011) a educação é um ato de amor e de coragem que deve ser embasada no diálogo e na criticidade, pois não há ignorantes absolutos e nem educados e educandos, estamos em contínuo processo de aprendizado.

Enquanto Brandão (1981) compara o processo educacional com o oleiro até a obra ficar pronta, para Freire (2011) ele tem raízes mais profundas. O homem, por ser um ser inacabado e como conhecedor desse fato sempre está em busca de algo (p.34) sendo sujeito de sua própria educação e não objeto dela, sendo segundo ele, “um processo de caráter permanente”. (p.35), por considerá-la de tal modo, Freire (2011) crê que é possível uma educação que busque a mudança, diferente do que muitos sociólogos acreditam que ela venha para reproduzir mecanismo da sociedade, porém segundo o autor para que ela possa alcançar o objetivo pretendido, deve ser embasada na criticidade cuja verdadeira educação é aquela que não tenta adaptar o indivíduo à sociedade, pois como produtor de cultura não deve repetir e sim recriar, pois para Freire (2011) se ela tenta adaptar acaba inutilizando a ação.

“Uma educação que pretendesse adaptar o homem estaria matando a possibilidade de ação, transformando o homem em abelha. A educação deve estimular a ação e afirmar o homem como homem. Adaptar é acomodar não transformar.” (FREIRE, 2011, p.40).

A plena educação estaria atrelada a duas formas educacionais: a informal e a formal. Que segundo GONH⁴ (2006) a educação informal é a aquela que o indivíduo aprende durante seu processo de socialização cujos educadores são a família e a

³ Paulo Regis Neves Freyre, educador e filósofo pernambucano dedicou grande parte de sua vida à alfabetização e a educação da população pobre.

⁴ Maria Gloria de Marcondes Gonh Possui graduação em Sociologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1970), mestrado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1979), doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1983) e Pos Dotorado pela New School University, N.York.(1997). Tem experiência na área de Sociologia, Educação e Políticas Sociais.

comunidade nos espaços do próprio convívio em que os valores, costumes e pertencimento são herdados e direcionam o indivíduo em suas relações sociais, já a educação Formal é desenvolvida dentro da escola com conteúdos demarcados cujo educador é o professor em um espaço institucionalizado por lei seguindo diretrizes educacionais. PESTALOZZI (1746, apud ANDRADE, 2010, p.158), acreditava que essas duas formas educacionais não deveriam ser divisores de águas e sim junção delas.

A educação atual teve forte influência da educação clássica ocorrida na Grécia e em Roma.

Na Grécia, a educação estava fundamentada num saber que ensinasse para a vida e que fizesse o homem livre participante da Polis⁵, chamada na cultura grega de pleno efeito da educação.

“Aquilo que a cultura grega chama como pleno efeito de educação - Paidéia⁶ - dando à palavra o sentido de formação harmônica do homem para a vida da polis, através do desenvolvimento, de todo o corpo e toda a consciência, começa de fato fora de casa, depois dos sete anos. Até lá a criança convive com a sua criação, convivendo com a mãe e escravos domésticos. Para além ainda do que entre os sete e os catorze anos aprendem com o mestre-escola, a verdadeira educação do jovem aristocrata é o fruto do lento trabalho de um ou de poucos mestres que acompanham o educando por muitos anos.” (BRANDÃO, 1981, p. 38).

A educação até aquele momento não se dava em escolas e sim pelos Mestres, sendo direito das minorias, constituída pela nobreza. Segundo Brandão (1981) foi somente com a redemocratização da cultura e da participação da vida pública que uma roupagem do saber se fez necessário surgindo à escola aberta a qualquer menino livre da Cidade-Estado (p.39). É nesse momento, que segundo o autor, a educação deixa de ser um assunto privado para ser uma questão Estado- pública, porém essas primeiras escolas trazem com elas as desigualdades, pois de um lado estava à prática de instruir para o trabalho plebeu e do outro a de instruir os nobres para o poder.

⁵ Polis corresponde às diversas Cidades-estados que se formaram no território grego entre o final do Período Homérico e o desenvolvimento do Período Arcaico, determinou a configuração de e perinias políticas e sociais di ersas entre os gregos. A formação da polis grega - rasil Escola . rasilescola.com ist ria eral Idade Antiga A récia Antiga acessada em 17-04-2014

⁶ Formação geral que tem por tarefa construir o homem como homem e como cidadão.

Já em Roma, diferente do que ocorria em Grécia, as diferenças de classes sociais não estão presentes, pois não havia diferenciação entre o filho do nobre e do plebeu, já que a educação era tarefa doméstica, através do ensinamento dos valores morais, com objetivos muito bem traçados.

“A criança, começava a aprender em casa com os mais velhos e quase tudo que aprendia era para saber e preservar os valores do mundo dos mais velhos, dos seus antepassados. Essa educação doméstica busca a formação da consciência moral. O adulto educado que ela quer criar é o homem capaz de renunciar a si próprio, de devotamento de sua pessoa à comunidade.” (BRANDÃO, 1981, P. 49).

A criança era educada até aos sete anos pela família e só após passava a ser tarefa da escola, porém o contexto histórico vem se modificando ao longo do tempo, pois na atualidade as crianças já são atendidas em creches (0 a 3 anos) e pré-escola (4 a 6 anos) atribuindo à escola o papel inicial que seria da família.

1.2 A educação no contexto escolar

Ao compreendermos as diferentes significações da educação como formação completa do indivíduo e como ela surgiu ao longo do processo histórico, a partir de agora verificaremos de que maneira essa educação entra no contexto das instituições escolares, seus objetivos, suas metodologias e a ação pedagógica através da visão de autores sobre o papel desenvolvido pela escola e por seus profissionais.

1.2.1 O papel da escola

A escola tem sido compreendida por muitos sociólogos como espaço de manutenção e de propagação das desigualdades sociais, através do ensino em sala de aula levando os alunos a conservarem e reproduzirem a ordem da classe dominante, porém observada de diferentes maneiras.

Para Brandão (1981) ela não passa de um espaço meramente provisório, que foi criado e é controlado pelo Sistema político que na sociedade em que vivemos pode levar a reproduzir e consagrar as desigualdades, então, “por que fazer parte de um sistema escolar?” (p.98), ele traz uma resposta simples “porque a educação é inelutável” (p.98-99), e acrescenta que por apresentar-se de diferentes formas, não somente na escola, também pode transformar o contexto em nossa volta, pois enquanto uma propaga as desigualdades, a outra pode levar a mudança.

“uma outra, melhor seria: ‘ por que a educação só recria e aos sistemas e, se em um ela serve de reprodução de desigualdades e difusão de ideias que legitimam a opressão, em outro pode servir de à criação de igualdade entre os homens e a propagação da liberdade. ’ Uma outra ainda poderia ser: por que a educação existe demais modos do que se pensa e aqui a mesmo, alguns deles podem servir ao trabalho de construir um outro tipo de mundo.” (BRANDÃO, 1981, p.99).

Mesmo que a educação e a escola quando relacionadas diretamente possam ser mediadoras responsáveis pelo desenvolvimento pessoal e social levando à mudança;

para Brandão (1981) mesmo que provisoriamente também pode ser considerada propagadora das desigualdades e conseqüentemente responsável pela reprodução social, pois a partir do momento que a educação chega à escola pelo ensino formal ela está sujeita à pedagogia com métodos, regras e com executores especializados sendo atribuindo a eles a tarefa de controlar e codificar saberes.

Saviani⁷ (1986), assim como Brandão também acreditava que a educação é necessária, principalmente para que as barreiras da ignorância fossem vencidas. A escola por meio do sistema de ensino tinha a tarefa de correção social, sendo antídoto contra a ignorância e instrumento contra a marginalidade, porém segundo o autor, quando ela se submete a várias reformas educacionais ao longo do tempo, está diretamente sendo moldada pela sociedade.

Essas reformas foram chamadas por Saviani (1986) como “escolano smo”, movimento de reforma da educação na qual a escola inicialmente utilizava os métodos da pedagogia tradicional⁸ fundamentada nas diretrizes da educação, após ela surge a pedagogia nova, sendo considerado por ele, o momento em que a escola tem como função a equalização social cuja importância dava-se a aprender a aprender.

“A educação, enquanto fator de equalização social será, pois, um instrumento de correção da marginalidade na medida em que cumprir a função de ajustar, de adaptar os indivíduos à sociedade, inculcando neles o sentimento de aceitação dos demais e pelos demais. Portanto, a educação será um instrumento de correção da marginalidade na medida em que contribuir para a constituição de uma sociedade cujos membros, não importam as diferenças de quaisquer tipos, se aceitem mutuamente e se respeitem na sua individualidade específica.” (SAVIANI, 1986, p.9).

Para que fosse levada a sério e para que os objetivos educacionais fossem alcançados o autor considera necessária uma reformulação da própria escola observando o aprendizado e a troca de experiência entre professor e aluno, o que provavelmente não

⁷ Demerval Saviani é grande educador que vivenciou um período de mudanças no nosso país, a exemplo da transição na educação durante a consolidação do período democrático que vivemos na atualidade, acompanhando, além das transformações sociais, as transformações na história da educação brasileira, acentuando os pontos positivos e negativos que as modificações no processo educacional refletiram no dia-a-dia, e teve uma visão progressista sobre a educação.

⁸ À teoria pedagógica acima indicada correspondia determinada maneira de organizar a escola. Como as iniciativas cabiam ao professor, o essencial era contar com um professor razoavelmente bem preparado. Assim, as escolas eram organizadas na forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições que os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente

ocorreu, pois a pedagogia nova foi ineficaz contra a marginalização, surgindo após ela a pedagogia tecnicista, na qual o processo educativo torna-se objetivo e operacional na qual o importante é aprender para fazer, que dentro de uma sociedade fechada para Freire (2011) opera a soberania das classes dominantes, pautada na manutenção dos status devido à pedagogia tecnicista atender meramente aos filhos das famílias das classes populares e não da elite, mas quando a massa popular começar a perceber que através da educação se tem a oportunidade de alcançar novos status começa-se a exigência por mais escolas.

Todas essas teorias criadas ao longo do processo de reformulação educacional para Saviani (1986) demonstram a dependência da educação em relação à sociedade trazendo, portanto as teorias críticas reprodutivas que defendem que a função da educação é de reprodução da sociedade, cabendo a escola desenvolver o seu papel reforçando as desigualdades de classes.

As teorias educacionais abordadas, colocam a escola como única responsável pela reprodução devido ao fato de ter sido criada pelo Estado e suas práticas se moldarem aos sistemas da sociedade, porém Gonçalves⁹ e Gonçalves¹⁰ (2011) abordam afirmações desenvolvidas por Bourdieu¹¹ em que não considerava o ensino escolar somente como fator único e definitivo de reproduzidor social e sim legitimador através do discurso pedagógico, segundo os autores, para Bourdieu é a família o núcleo formador, pois já coloca em seus herdeiros valores morais da própria classe social a que esta inserido, sendo considerado por ele como trabalho pedagógico primário e a escola como trabalho pedagógico secundário em que o sucesso do segundo só pode ocorrer com o primeiro (p.78) principalmente pela inculcação de Habitus¹² que no âmbito familiar é mais difícil de ser modificado por ser considerado algo natural. (p.66)

⁹ Nadia G. Gonçalves possui licenciatura plena (1993), especialização (1996)), e mestrado (1999), todos em história e pela UNESP-Assis e doutorado em educação (2003) pela USP. É professora na Universidade federal do Paraná, no departamento de teoria e prática de ensino, e no programa de pós-graduação em educação na UFPR, tem experiência em educação tendo atuado também como docente do ensino básico.

¹⁰ Sandro A. Gonçalves possui graduação em ciência contábil pela universidade de São Paulo (1993), mestrado em administração pela universidade federal da Paraná (1998), e doutorado em administração de empresas pela Eaesp\FGV (2006).

¹¹ Pierre Bourdieu considerado em dos maiores intelectuais do seu tempo. Filósofo, foi professor da École de Sociologie du collège de France, além de autor de centenas de trabalhos abordando a dominação e dos mecanismos de reprodução social que legitimam as diversas formas de dominação.

¹² O Habitus esta diretamente relacionado a prática, ou melhor, ao resultado dela.

Mesmo não sendo considerada como fator único para reprodução, a escola também tem essa função através da legitimação e manutenção (p.78). Mas de que maneira?

Também através da inculcação de Habitus, mas agora segundo Bourdieu abordado por Gonçalves e Gonçalves (2011) dentro do sistema interno de ensino escolar com as práticas pedagógicas.

“Enquanto tra alho prolongado de inculcação produzindo uma forma durável, isto é, produtores de praticas conformes aos princípios do arbitrário cultural dos grupos ou classes que delegam à AP [ação pedagógica] a AuP [autoridade pedagógica] necessária a sua instauração e a sua continuação, o TP [trabalho pedagógico] tende a reproduzir as condições sociais de produção desse arbítrio cultural, isto é, as estruturas objetivas da qual ele é produto, pela mediação do hábito como princípio gerador de praticas reprodutoras das estruturas o jeti as.” (BOURDIEU, 1992 Apud GONÇALVES e GONÇALVES, 2011, p.78).

A reprodução dentro do ensino escolar, para Bourdieu segundo Gonçalves e Gonçalves (2011), ocorre através da violência simbólica quando suas práticas levam a legitimação da cultura da classe dominante como única e legítima, mesmo que os indivíduos que a sofrem e a exercem hajam de forma inconsciente. (p.29)

Bourdieu e Passeron consideram o trabalho escolar através de sua cultura interna, como espaço que se nega a tentar algo novo e de outras possibilidades culturais, cujo problema está nas práticas dentro dessas instituições que levam à criação de hábitos cujo seus objetivos e metas devem ser alcançadas.

“Deste modo, toda a cultura escolar é necessariamente rotinizada, homogeneizada e ritualizada. Os exercícios repetidores são estereotipados e têm como finalidade a criação de hábitos. Todo o hábito a inculcar, seja ele conservador ou revolucionário, engendra um trabalho escolar que visa à institucionalização. Tem que haver sempre um programa, isto é, um consenso sobre o modo de programar os espíritos. (ROSENDO, 2009, p.14)

O mecanismo de reprodução social levada pela inculcação de habitus, seja no espaço familiar quanto pelo trabalho pedagógico no espaço escolar, precisam de pessoas que os façam e quem são eles?

1.2.2 Os Agentes sociais

Para Bourdieu, assim como para Gonçalves e Gonçalves (2011) são considerados agentes sociais, a família, pelos hábitos de sua classe e posição social; os agentes administrativos e pedagógicos no sistema escolar e até mesmo os grupos e instituições compostos por pessoas que propagam sua cultura como única e legítima. (p.77).

Esses agentes quando estão submetidos às regras institucionais são levados a repassar para os alunos o que as próprias instituições querem que seja ensinada, que segundo Gonçalves e Gonçalves (2011) já é algo interiorizado pelo próprio profissional pedagógico, devido ao processo de aprendizado que teve em sala de aula quando aluno e quando se forma é direcionado pelo Estado do que fazer, como fazer e o que ensinar, mesmo que ele tente algo de diferente será barrado e sua tentativa é inutilizada, devendo moldar-se às práticas institucionais.

“No caso dos professores, apesar de haver uma formação específica, formal, profissional, para exercer a docência- e mesmo supondo que todos tivessem uma excepcional formação, com fundamentação teórica crítica e sólida-, quando eles se deparam com a prática escolar, interna e externa à sala de aula, e diante dos imprevistos e desafios que surgem, a tendência de reproduzirem o modelo que vivenciaram é muito mais forte do que a de realizarem tentativas de uma nova prática um método diferente, aqueles que inicialmente se insistem em pressupostos e práticas distintas das práticas estabelecidas pelas instituições escolares, além de ser coagidos mais ou menos sutilmente pelos pares a não se destacar, são também desestimulados por aqueles que estão a mais tempo no sistema...” (GONÇALVES e GONÇALVES, 2011, p.73).

Freire (2011) em seu livro Educação e Mudança afirma que, ainda prevalece dentro da escola a tradição pedagógica que limita a ação do professor e aluno dentro da sala de aula, na qual o educador é apenas educador e o aluno apenas aluno com papéis muitos bem definidos. O professor tem o conhecimento superior e o educando recebe passivamente os conhecimentos tornando-se mero depósito considerado por ele como consciência bancária. Para ele, o desenvolvimento de uma consciência crítica se faz cada vez mais urgente, pois a mudança só será possível quando o trabalhador social obtiver um verdadeiro compromisso com a práxis, pois quando ele opta pela mudança

ele não manipula, não foge da comunicação e suas ações não serão somente de espectadores da sua própria realidade, mas também de intervenção. Gonçalves e Gonçalves (2011) acreditam que quando esses mecanismos de reprodução são desvendados podem levar a mudança, mas para que isso aconteça, é preciso um trabalho em conjunto e não de um único agente.

2. A CRIANÇA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

A ênfase dada até aqui, sobre o que é educação, como é entendida dentro do contexto escolar e o papel desenvolvido por aqueles que fazem parte do corpo de profissionais, foi para compreendermos de que maneira a escola, mesmo que em diferentes tempos e espaços, tem desenvolvido práticas que levam à reprodução, pois se o ensino escolar é moldado pelo sistema e pelo Estado, estamos diante de algo já interiorizado ao longo do tempo dentro das escolas.

A partir daqui nos delimitaremos ao campo educacional infantil, considerado como ponto de partida do processo educacional por ser na infância que a criança desenvolve seus valores morais, sociais e de personalidade.

2.1 A infância e a Criança

O processo histórico também alcançou a criança, que por muito tempo era vista como um ser que nasce pronto ou nasce vazia cheia de carências, que segundo Andrade¹³ (2010) contribuiu para o surgimento, de diferentes imagens sociais que embutido sempre no adultocentrismo ocultou a criança.

Na idade média, a criança não tinha nenhuma função social a não ser quando fosse colocado para trabalhar, período que segundo Andrade (2010) não havia distinção entre criança ou adulto para o trabalho, processo contínuo dado ao longo dos séculos. A criança até o século XVI era considerada meramente objeto de distração, já no século XVII a vida familiar era vivida em comunidade, mas quando ela passa do público para o

¹³ Lucimary Barnabé Pedrosa de Andrade Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1989), graduação em Pedagogia pela Universidade de Franca (2000), Mestrado em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003) e Doutorado em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2009). Experiência na docência e gestão de instituições de educação infantil. Experiência na docência superior e na coordenação de cursos de pós-graduação na Universidade de Franca. Coordenadora institucional do Programa PIBID/CAPES da Fundação Educacional de Ituverava. Atuação como assistente social, na área jurídica, na Universidade Estadual Paulista, campus de Franca.

privado ocorre o isolamento. É nesse momento que ela é considerada vazia necessitando que lhe fosse colocado conhecimento e cuja função básica dos pais era garantir a sobrevivência física e social, o que para Andrade (2010) acabou fortalecendo o sistema capitalista. Porém, a historicidade permitiu que a infância e criança fossem relacionadas como sendo a mesma coisa, mas para Pinto e Sarmiento segundo Andrade (2010) não é, pois para os autores a criança sempre existiu, enquanto que a infância foi uma construção social.

“Com efeito, as crianças existiram desde sempre, desde o primeiro ser humano e a infância como construção social a propósito a qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para qual se estruturaram dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria – existe desde o século XVII e XVIII [...] (1997, Apud ANDRADE, 2010, p.55).

A infância é considerada por Andrade como uma construção da modernidade, marcada pelas ideias iluministas, cujo projeto tinha objetivos muito bem traçados para a escola.

“Em relação às crianças, o projeto escolar de eria prepará-las para a vida adulta e para o mundo produtivo. As influências desses pensamentos determinaram a configuração de teorias pedagógicas como a de John Locke, na qual a criança é reconhecida como uma tábula rasa, como um 'vir a ser', devendo ser preenchida de conhecimentos necessários a sua formação enquanto força produtiva.”(ANDRADE, 2010, p.58).

Nessas condições, segundo a autora, à criança era vista como vazia e deveria ser preenchida de conhecimento e construída socialmente pela reprodução, cujo objetivo estava não no desenvolvimento em si, mas sim, no adulto que ela seria amanhã, cujas marcas de processo de reprodução são abordadas por Andrade segundo os argumentos de autores como Dahlberg, Moss e Perce.

“Na construção da criança como reprodutor de conhecimento, identidade e cultura, a criança pequena é entendida como iniciando a vida sem nada e a partir de nada – como um vaso vazio ou tábula rasa. Pode-se dizer que esta é a criança de Locke. O desafio é fazer que ela fique 'pronta aprender' e 'pronta para a escola' na idade do ensino obrigatório." Por isso, durante a

primeira infância a criança pequena precisa ser equipada com os conhecimentos, com as habilidades e com os valores culturais dominantes que já estão determinados, socialmente sancionados e prontos para serem administrados – um processo de reprodução ou transmissão – tem também de ser treinada para se “adaptar às demandas esta elecidas pelo ensino o rigat rio.” (Dahlberg, Moss & Pence, 2003, Apud ANDRADE, 2010, p.58).

É somente na pós-modernidade que há um avanço, pois a criança e a infância deixam de existir para dar lugar às crianças e às infâncias saindo de cena, segundo Andrade (2010), a verdade absolutista havendo um remodelamento no contexto social seja econômico, social, político, religioso e econômico levando à quebra dos termos do singular para a plural, e um dos grande marco para Pinto e Sarmento segundo Andrade (2010) é a globalização que colocaram as crianças como mão de obra, dizimando a miséria e a mortalidade infantil, surgindo assim à globalização contra hegemônica que é quando a criança passa a ser olhada com mais cuidado, favorecendo o desenvolvimento de seus direitos e de sua cidadania. (p.66)

Para Andrade, segundo Dahlberg, Moss e Perce, esse grande avanço que a infância e a criança vêm dando ao longo do tempo é graças aos estudos da sociologia da infância, que a tem colocado como importante estágio da vida rompendo, segundo ela, com antigos paradigmas (p.66), fazendo com que essa nova contextualização da infância leve a criança a ser reconhecida como cidadã.

“Esse entendimento da infância rompe com o paradigma da criança frágil, inocente, dependente e incapaz, dando lugar à concepção da criança rica, forte, poderosa e competente, coconstrutora(sic) de conhecimento, identidade e cultura. A criança é reconhecida como um sujeito ativo, competente, com potencialidades a serem desenvolvidas desde o nascimento; sujeito que aprende e constrói conhecimentos no processo de interação social.”(ANDRADE, 2010, p. 67).

A definição do que são as crianças é necessária para que elas sejam reconhecidas como verdadeiramente são, consideradas por Kramer ¹⁴ como seres sociais dotados de valores e de história, cujos contextos sociais e de relações estão ligados à posição da família em sociedade e que implicará em ações que serão desenvolvidas dentro das escolas de educação infantil.

¹⁴ Professora do Departamento de Educação da PUC-Rio, onde coordena o Curso de Especialização em Educação Infantil

Foi ao longo desse processo de desenvolvimento e de reconhecimento da infância como importante estágio da vida, que a criança passou a ser reconhecida como cidadã e sujeito de direitos, surgindo Leis que foram se modificando com o objetivo para garantir o pleno direito da criança à moradia, à saúde, à alimentação e à educação, tema que abordaremos a partir de agora.

2.2 O direito a educação Infantil

A historicidade remodelou a infância e a criança ao longo do tempo, porém é recente a criação de leis que garantiram os seus direitos principalmente em relação à educação.

Até a constituição de 1988¹⁵, o atendimento à criança de 0 a 6 anos de idade não era de natureza educacional e sim meramente assistencialista e de amparo, sendo assistidas somente aquelas cujas mães eram da classe trabalhadora.

Após a constituição de 1988, a educação infantil passa a ser direito da criança e dever do Estado, cabendo aos municípios à responsabilidade na criação de creches e de pré-escolas para atender todas as crianças de 0 a 6 anos de idade voltados para o processo educacional. Foi após esse período, que segundo Andrade (2010), houve um gradativo avanço dos direitos sociais e de bem estar assim como também nas políticas de atenção voltadas para a infância.

Leis que traziam com ênfase a educação da criança foram cada vez mais se consolidando e reafirmando a importância da educação infantil.

¹⁵ A Constituição Federal Brasil de 1988, também conhecida como a Constituição Cidadã, foi à sétima constituição do Brasil desde a Independência. Elaborada por 558 constituintes durante 20 meses, ela foi promulgada no dia 5 de outubro de 1988. Possui 245 artigos, dividida em nove títulos. Esta Constituição é considerada a mais completa, principalmente, no sentido de garantir os direitos a cidadania para o povo brasileiro.

A lei nº 9.394 ¹⁶de 1996 da qual dispõe as Leis de Diretrizes e Bases para a educação nacional traz no Art. 29º, a educação infantil como primeira etapa da educação básica cuja finalidade é o desenvolvimento da criança até seis anos de idade em seus aspectos morais e sociais complementando a educação familiar e da comunidade, nos artigos posteriores estabelece a responsabilidade de quem deve oferecer e como ocorrerá o processo de avaliação.

“Art. 30º. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; **II** - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31º. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.” (BRASIL, 1996).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação proporcionou um leque de oportunidades no desenvolvimento educacional infantil, pois foi após sua implementação que o Estado criou documentos com subsídios para a criação e funcionamento de instituições escolares. Criou-se também, um currículo para a primeira fase da educação básica: o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil¹⁷ (2009) publicado em 1999 em que a criança passa a ser vista como um sujeito histórico e direito tendo como objetivo propor a articulação das suas experiências e saberes visando o desenvolvimento das propostas pedagógicas devendo-se cumprir sua função sócio-política.

Desenvolveram-se ainda, documentos como os parâmetros e indicadores de qualidade da educação infantil que visam garantir um ensino de qualidade a nossas crianças.

O primeiro refere-se ao reconhecimento da criança como cidadã de direitos, social e histórico, buscando sempre apontar referências que ditam o que deve ser levado em conta para que o ensino seja considerado de qualidade, além de traçar estratégias para que o resultado seja alcançado.

¹⁶ Lei criada em 13 e Julho de 1990 dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências.

¹⁷ O Referencial curricular Nacional para educação Infantil foi criada pela resolução nº 5 de 17 de Dezembro de 2009.

O segundo traz as especificidades necessárias para que uma instituição seja considerada de qualidade. Aspectos como os direitos humanos, o respeito à diferença, ao meio ambiente, à observância da legislação educacional brasileira e conhecimentos científicos sobre a criança e a formação de professores, todos articulados e essenciais para o desenvolvimento da cidadania da criança, para isso os indicadores de qualidade levaram o desenvolvimento de avaliação, monitoramento e de como programar as ações pedagógicas.

Todas essas políticas desenvolvidas foram criadas com objetivos muito bem definidos para a educação infantil que é considerada por Kramer¹⁸ (1999) um importante momento no desenvolvimento humano e social contribuindo para resultados posteriores, seja para o ingresso ao ensino fundamental e até mesmo quando adulto em sociedade, porém para a escola desempenhar esse papel ela precisa compreender o que a criança é.

“Entender que as crianças têm um olhar crítico que irradia pelo a isso a ordem das coisas, que subverte o sentido da história, requer que se conheça as crianças, o que fazem, de que brincam, como inventam, de que falam. Nesta concepção de infância, história e linguagem são dimensões importantes de humanização: há uma história a ser contada porque há uma infância do homem. Se compreendermos as crianças, compreenderemos melhor nossa época, nossa “cultura, a arárie e as possibilidades de transformação.”
(KRAMER, 1999 p.02).

Todo o trabalho de entender quem é a criança trará implicações profundas para o trabalho em creches e pré-escolas, pois possibilitará mudanças que levam ao avanço educacional. Kramer (1999) afirma que, ainda algumas creches e pré-escolas brasileiras, segundo dados levantados, ainda não desempenham esse papel de socialização e de convivência da criança, e sim, ainda sanitarista e de assistência que segundo ela são importantes mais não substitui a dimensão educacional, social e cultural sendo primordiais para a criança desenvolver sua cidadania.

¹⁸ Professora do Departamento de Educação da PUC-Rio, onde coordena o Curso de Especialização em Educação Infantil

2.3 As instituições de educação Infantil

Todo o processo histórico que a criança e a infância passaram, permitiu que discursos fossem criados e práticas desenvolvidas dentro das instituições de educação infantil no atendimento às crianças.

Inicialmente, como reflexos das sociedades capitalistas, a função dessas instituições segundo Abromovay e Kramer citadas por Andrade (2010) era de guardiã, logo após compensatória com o objetivo de sanar as deficiências dessas crianças devido às situações de pobreza e miséria nas quais estavam inseridas.

No século XX essas instituições escolares assumem a função de combater o fracasso escolar como preparação para as séries posteriores, cujas ideias chegaram ao Brasil na década de 1970 sendo considerada a solução para os problemas educacionais.

Na década de 80, a função educacional do ensino passava de preparatória para pedagógico cujo objetivo era a educação da criança, que para Kramer segundo Andrade(2010), ia muito além dos hábitos e habilidades, da restrição à sala de aula e à transmissão de conhecimento entre professor e aluno, tendo como base primordial a dimensão cultural e todas as formas de se chegar a ela.

“Se perdermos de ista a perspecti a cultural no seu sentido mais amplo, ou seja, no sentido de que as pessoas precisam se reconhecer na cultura, que são sujeitos da história e da cultura, além de serem por eles produzidos; se não percebermos essa perspectiva e reproduzirmos as crianças, as 21 milhões de crianças de zero a seis anos, a alunos, passamos a ter uma visão de que o pedag gico é algo instrucional e isa ensinar coisas.” (KRAMER, 2003 Apud, ANDRADE, 2010, p.154).

Somente com esta visão é que a criança passará a ser considerada como sujeito cultural e não como devir-a-ser.

Assim como Kramer, Martins Filho, autores abordados por Andrade(2010) afirmam que quando a criança for reconhecida como ator social e cultural, as ações e práticas institucionais romperão com a visão abstrata e romântica da criança, colocando-

as como sujeitos ativos nos espaços institucionais, com voz e expressões próprias. (p.155) deixando de lado o adultocentrismo e colocando como centro a criança.

As ações desenvolvidas dentro das instituições de educação são embasadas em propostas pedagógicas que segundo Andrade (2010), Oliveira afirma que deve favorecer a construção de identidade, porém segundo a autora, no contexto brasileiro, as propostas pedagógicas desenvolvidas são ainda higienistas e assistencialistas.

Apesar das leis que reconheceram a criança como sujeito histórico e de direitos, para Andrade dentro das instituições da educação infantil não é colocado em prática, pois ainda o que impera é a visão adultocêntrica que na concepção dos próprios educadores é uma educação transmissiva em que a criança é um sujeito passivo e depósito de conhecimento. (p.74)

O problema, segundo Andrade (2010), está na criança não ser vista como diz a Lei e pelos próprios educadores, não conhecerem essas Leis. O que Cury, abordado por ela, considera extremamente necessário para que se coloque em prática o que tem sido proclamado. (p.110)

Para Kahlmann Júnior, autor abordado por Andrade (2010), as instituições de educação infantil ao estarem atreladas aos processos históricos da sociedade como a sociedade industrial, por ter a visão de a criança no devir-a-ser e a necessidade de ser disciplinada conduzem às ações dentro da escola com projeto educacional pautados na submissão.

“Kahlmann Júnior afirma o caráter educacional da instituição, que, com objetivos próximos aos da escola maternal, deveria promover o desenvolvimento das crianças e, sobretudo, torná-las dóceis e adaptadas à sociedade. Assim, desde o seu início, é revelado o caráter ideológico do projeto educacional dessas instituições pautadas em um projeto de educação para a sua missão.”(Kahlmann Júnior, 2001, Apud, ANDRADE, 2010, p.129).

Mediante os contextos sociais que a educação tem sido moldada, ao longo do tempo, as demandas do século XX segundo RECH abordado por Andrade (2010) é um ensino pautado no fazer, levando o homem a se adaptar aos horários das fábricas, e o

problema está nas atividades pedagógicas desenvolvidas nas instituições escolares nas quais as crianças têm horários determinados para tudo.

“Afinal ao esta eleger horários para as atividades diárias nas instituições seria uma adequação desse novo homem, pois desde cedo as crianças estaria se adaptando ao tempo dos relógios das fabricas e as doutrinas do trabalho, além de terem seu tempo ocupado nas instituições com diversos afazeres.” (RECH, 2005, apud ANDRADE, 2010, p.158).

As práticas pedagógicas através das rotinas desenvolvidas dentro das escolas de educação infantil são abordadas por Andrade (2010) pela perspectiva de autores que consideram sua ação na vida da criança com objetivos muito bem delineados.

Para Barbosa, segundo a autora, essa prática de rotinização é vista como um modo de organização dos trabalhos institucionais sendo considerado, segundo ela, responsável pela organização do cotidiano, cujas marcas deixadas são o da subjetividade pela inculcação dos Hábitos.

“É importante considerarmos que, a rotina além de possibilitar a organização do cotidiano, contribui para a constituição da subjetividade, visto que é por meio dela que as crianças, desde pequenas nas famílias e nas instituições de educação infantil, aprendem sobre os rituais e hábitos socioculturais da sociedade.” (ANDRADE, 2010, p. 161)

Andrade ainda sintetiza os reflexos dessa rotina segundo Barbosa e como projeto da modernidade.

“rotinas: rotina difere do cotidiano por não incluir o imprevisível; a rotina traz implícita uma noção de espaço e tempo; a rotina relaciona-se aos rituais, aos hábitos e às tradições; a rotina remete à ideia de repetição, de resistência ao novo; a rotina tem um caráter normatizador. É com o projeto de modernidade e com a necessidade de formação de sujeitos adaptados aos tempos modernos que a infância e a educação das crianças foram rotinizadas e institucionalizadas.” (2006, apud, ANDRADE, 2010, p. 161).

Estando colocado fortemente dentro do contexto educacional infantil Brasileiro segundo dados levantados por Andrade (2010) em sua pesquisa realizada dentro de uma escola de educação infantil em Franca, a rotina está centralizada nas práticas e

estratégias pedagógicas dentro dessa instituição, vista por Andrade como meramente normatizador, inflexível, disciplinar e de padronização de atividades. (p.163) levando a consequências como a predominância do adultocentrismo prejudicial ao desenvolvimento da criança, pois é o adulto quem comanda a ação da criança com horários específicos e bem delineados que precisam ser seguidos. Outro grave problema segundo a autora está relacionado às atividades de higiene e de alimentação bem próximas ao processo educacional assistencialista percebido na educação infantil.

Para Andrade (2010), essa rotina nada acrescenta de favorável ao desenvolvimento da criança enquanto produtora de cultura, pois segundo ela as atividades são predeterminadas e homogêneas. (p.165) dificultando assim o imprevisto no espaço e na interação social, cujo compromisso da educação infantil, para a autora vai muito além disso, devendo priorizar o direito de ser criança permitindo o riso, o lúdico, ou seja, uma rotina que a faça desenvolver suas potencialidades e escolhas. (p.169)

Um dos compromissos que a escola infantil deve ter segundo Nicolau¹⁹ (2000) é de uma ação pedagógica pautada na troca de experiências e não que se feche em si mesma. Para a autora, assim como para Andrade, o que há é uma negação das improvisações tendo um trabalho muito bem planejado do que e como fazer, cabendo ao professor desenvolver práticas que levem em conta os contextos culturais em que a criança está inserida.

“Ao professor de educação infantil cabe identificar as múltiplas facetas da aprendizagem e desenvolver atividades que considerem as peculiaridades individuais das crianças, preocupando-se com as maneiras pelas quais elas aprendem e considerando também os aspectos culturais do contexto em que a criança se encontra. Isso exige um trabalho sério, comprometido com a criança e com as mudanças que aprimorem a ação pedagógica.” (NICOLAU, 2000, p.121).

¹⁹ Marieta Lúcia Machado Nicolau Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (1972), mestrado em Educação pela Universidade de São Paulo (1982) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (1986). Atualmente é autônoma da Fundação de Apoio à Faculdade de Educação da USP. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, educação infantil, alfabetização, formação de professores e pré-escola.

A pré- escola deve aproveitar cada momento vivido, cada objeto descoberto um desafio e cada situação como oportunidade de mudar, porém só será possível quando houver uma ação pedagógica comprometida com a criança, com suas necessidades e suas habilidades. (p.121), mas toda ação pedagógica segundo dados levantados por Andrade(2010) é direcionada pelas Diretrizes Curriculares para a educação Infantil, que por ser algo institucionalizado leva ao desenvolvimento das práticas rotineiras, a algo universal, o que para ela dificulta o espaço para o imprevisto, para o lúdico e para a interação social negando à criança o direito à educação emancipatória.

Portanto, para Andrade (2010), é necessário sim pensar no trabalho desenvolvido nas instituições de educação infantil já que são espaços onde concretizam a cidadania, porém há dificuldades que impedem o trabalho, assim como a efetivação dos direitos sociais, sendo necessário um rompimento com as práticas rotineiras, burocráticas e individuais, abrindo-se espaço para a interdisciplinaridade fundamental para o projeto educativo, em que os educadores também possam ser moldados e em contínuo processo de formação para que haja uma verdadeira efetivação do direito da criança e que o próprio professor reconstrua uma nova visão em relação à criança, colocando-a como o centro dentro das instituições de educação infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordamos os processos educacionais que vão da família à escola, na qual a remodelagem pelo processo histórico da sociedade e até mesmo pelo avanço do sistema capitalista tem levado a influenciar as ações e as práticas aplicadas pelo professor dentro da sala de aula.

As práticas pedagógicas desenvolvidas de adaptação e rotinização levam a hábitos comportamentais prejudicando a formação e o desenvolvimento da criticidade de nossas crianças.

A criação de Leis reconhecendo-as como cidadãos, sujeitos sociais e de direitos não foram suficiente para derrubar a imagem desenhada ao longo do tempo, elas ainda são tratadas como vazia, frágeis, sem história, necessitando de direcionamentos e limites sem nada a oferecer, ainda que pequenas, à sociedade.

Dentro do espaço escolar elas ainda têm sido ensinadas a se comportarem e a se moldarem aos padrões aceitos pela sociedade, criando a imagem da criança educada e comportada. Tudo pode parecer muito lindo, mas onde fica a liberdade de ousar desta criança? Não sei, pode ser a família o limitador inicial, como também a escola através das práticas rotineiras das atividades impondo à criança a hábitos comportamentais determinando horário para tudo: para chegar, para leitura, para merendar, para lavar as mãos, para brincar e assim por diante impedindo o improviso.

Faço aqui algumas interrogações para nossa reflexão.

De quem será a culpa das nossas crianças serem direcionadas ao comportamento ditado como aceito e correto pela sociedade reproduzindo os padrões de uma sociedade desigual?

O professor, que cumpre meramente as regras institucionais impostas e cujos resultados lhe são cobrados.

A Instituição escolar, que é criada e mantida pelos Municípios em cooperação com o Estado, que visando o avanço do sistema capitalista, tem direcionado as práticas

pedagógicas na educação escolar voltadas para a produção industrial mascarando a realidade da sociedade desigual? ou da própria criança, que se permite ser direcionada por alguém?

São perguntas que deixo em aberto para que possamos iniciar o processo de reflexão da realidade que nos acerca, acrescento que pode ser uma junção de todas elas ou não.

Concordo com Andrade quando levanta o questionamento de que enquanto houver nas práticas pedagógicas a intenção de adaptar a criança, estamos longe de conseguir uma educação emancipadora baseado no devir-a-ser, mas não num adulto formado para o mercado de produção capitalista adaptado aos horários das fabricas, e sim, adultos críticos que reflitam sobre a realidade social que é inserida e suas ações caminhem em direção à mudança.

Portanto, é necessário desenvolver uma educação que nos permita adquirir e colocar em prática a criticidade, buscando uma sociedade igualitária não existindo diferenças de classes, Eu ou Outro e sim Nós, ricos ou pobres, para isso é preciso uma mudança do todo: do Estado, da Legislação, da família, da escola e do próprio individuo iniciando ainda quando criança, para isso as instituições de educação infantil devem quebrar as regras e dar a oportunidade de nossas crianças serem elas mesmas, ousando e tentando criar e recriar, sendo verdadeiramente reconhecidas como sujeitos centrais nesses espaços institucionalizados da educação, é um objetivo a ser alcançado, porém atualmente no contexto brasileiro da educação Infantil, pelas práticas e trabalhos pedagógicos desenvolvidos há mesmo que inconscientemente, sim, a reprodução social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Lucimary B. P. de. **Educação Infantil: Discurso, Legislação e Práticas institucionais**. São Paulo: Unesco, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de Dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social.. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, . **Proceedings online...** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Available from: Access on: 14 July. 2015.

GONÇALVES, Nadia A.; GONÇALVES, Sandro A.. **Pierre Bourdieu: Educação para além da reprodução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

KRAMER, Sonia. **O papel social da Educação Infantil**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. Escolarização e Socialização na Educação Infantil. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**, Maringá, v. 22, n. 1, p.119-125, 2000. Semestral.

ROSENDO, Ana Paula. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do sistema de ensino**. Disponível em: <<http://www.Lusofonia.net/textos>>. Acesso em: 11 mar. 2014.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Autores Associados, 1944.